

COLUNA FALA Por César Gomes

OOXIOGPVQ'UQEKN'F CPF Q'F K' G# ÁQ'CQU'F K' GWQU''J WOCPQU

Se pensarmos papéis e representações sociais de como somos vistos, via de regra, a cor da pele preta chega antes que a orientação sexual, e, quanto mais escura a cor da pele desse corpo preto mais olhares questionadores haverá sobre este corpo rotulado marginalmente. Se ainda identificado a orientação sexual não hetero, este corpo está marcado para prováveis ataques de duplas discriminações: racismo e lgbtobia.

Raça/etnia, classe social e orientação sexual são os principais marcadores para elaborar as representações na intenção de estabelecer uma hierarquia social na perspectiva eugenista higienizadora e fascista.

Esses elementos hierarquizantes têm a desfaçatez pretensão de apontar os lugares e os direitos permitidos à pessoas negras e a pessoas lgbts.

Dessa pretensa ação é que surgem os casos de racismo e ou lgbtobia dirigida as essas pessoas não normativas do ponto de vista da branquitude eugênica.

O racismo não pode ser encarado como produto de ações isoladas, mas sim um sistema impregnado na política, na educação, enfim, em todas as categorias e camadas políticas, educacionais com ecos sociais, sendo orquestrada por uma ideologia eugenista que promove um racismo institucional, estrutural e estruturante.

O racismo estrutural se apresenta nas relações pessoais e sociais disparando muitas falas incorretas já naturalizadas, como: tuas negas, passado negro, negro quando não caga na entrada caga na saída, ovelha negra da família; em situações onde o biotipo negroide ou a fala do negro é desqualificada, tipo os papéis do negro nas novelas, as candidatas em concurso de beleza, a atitude de educadores do pré ao ensino superior que se derretem de atenção aos alunos brancos e não dão atenção aos alunos negros, a presença de fantasias de negra maluca nos carnavais, a prioridade que dão a empregabilidade de brancos (lembra dos anúncios: “pessoas de boa aparência”), enfim, são várias situações que ao se naturalizar torna se estruturante.

A discriminação contra lgbt, em sua maioria, é respaldada por uma cultura religiosa equivocada, por juízos de valores arcaicos, sobretudo, por uma moral cristã hipócrita que se acha acima da lei para exercer o lugar de fiscalizadora de corpos alheios.

Esta ideologia eugenista atrela se ao sistema para a partir da racialidade criar a concepção de que seja permissível à prática do racismo e da lgbt fobia dirigida ao corpo preto e as pessoas com orientação sexual não hétero ou identidade de gênero não aceita por esta ideologia.

Nessa ótica pode se crer que há uma explícita intencionalidade objetivando: humilhar, subjugar, negar direitos, se colocar como superior e detentor/a de todos os direitos. Entenda se aqui direitos enquanto privilégios e possibilidades criando barreiras para que não

brancos e não héteros acessem estes mesmo lugares.

Uma luta de movimento social, seja ela de que segmento for, não está isolada de outra luta social, porque a pano de fundo das bandeiras é combater todas as formas de opressão e discriminação, a raiz das mazelas quase sempre são elementos grotescos para justificar a segregação, a misoginia, o machismo, o racismo, a lgbtfobia, etc...

Nesse sentido vemos grupos orgânicos ditos defensores de direitos humanos, assumindo uma luta antirracista ou anti lgbtfobia, todavia, em suas práticas, algumas vezes reproduzem atos lgbtfóbicos, racista e machista.

Temos que estar alertas as posições de hierarquias que barganham nossa pautas; que dominam, manipulam as diferenças de raça, gênero e sexualidade para reforçar a opressão sobre todas elas.

Uma atenção nos parlamentares que em campanhas conquistaram nossos votos, mas que nada produzem em nosso favor; aos nossos pares que elegemos para estarem em locais de decisões (conselhos, comitês, fóruns etc.), mas agem mais na perspectiva do ganho individual e não para o coletivo. Não basta votar/escolher é preciso manter o controle social.

Uma suposta identidade branca é usada para mascarar a opressão sobre as mulheres entre os brancos, diga se mulheres brancas e negras.

O signos compartilhados entre homens brancos e negros, também forjam uma suposta identidade masculina como se ela superasse as raças. No fim. homens negros e mulheres brancas contribuem para manter a opressão sobre ambos.

As formações das hegemônias nos movimentos sociais demonstram isso:

- o movimento de mulheres é predominantemente branco e heterossexual ;
- o movimento de negros é predominantemente masculino e heterossexual;
- o movimento LGBT é predominantemente branco e masculino.

A igualdade é um conceito estruturado a partir da ideia de equivalência, sendo uma construção histórica, jurídica e política intrinsecada nas relações sociais e políticas.

Há a desigualdade pela exclusão pura e simples, assim como há exclusão por uma inclusão perversa, porque há pessoas fiéis a uma ideologia fascista.

Trago aqui 3 dados para exemplificar:

- empresas contratam PcD por força de lei para cumprir cota, mas não faz adequação do espaço físico ou técnico, em alguns casos até paga para PcD fique em casa.
- contrata se uma pessoa negra ou lgbt, mas não promove ação para que haja possibilidade de promoção.
- Uma universitária transexual procura a direção para falar sobre acesso ao sanitário na UNICAMP, e o diretor retruca que a questão é com a empresa terceirizada contratada.

Por não haver um consenso para conceituar as diferenças entre igualdade, simetria e equidade no campo dos direitos humanos, permanecem as violações e as discriminações nas relações a partir de classificadores como: gênero, raça/etnia e orientação sexual.

Na tentativa de trazer um equilíbrio ou diminuir as violações de direitos é que surgem as instituições e organizações não governamentais (ONG) com focos específicos, tais como:

- Rede de Mulheres Negras no Combate de Violência;
- Rede Nacional de Mulheres Negras;
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais
- Movimento Nacional de Homens Trans e Transmaculindades
- Rede Nacional de Negras e Negros LGBT.

O movimento social se apresenta como uma luta de interesse coletivo muito pautado em questões identitárias e com foco na politização de espaços alternativos de luta que não os espaços de partidos políticos e sindicatos ou acadêmicos.

Em parte, esta luta identitária favorece a visibilidade de questões específicas, porém, por outro lado pode fragmentar e enfraquecer o todo se ficar pautado apenas em seu umbigo egocêntrico e não numa luta interseccionalizada.

As opressões não podem serem hierarquizadas visto que os sujeitos nessas trincheiras têm múltiplas identidades:

- são mulheres e homens pretos, pardos, brancos, indígenas e asiáticos;
- Periféricos, pobres, ricos ou milionários;
- héteros, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, pansexuais, assexuados;
- nanicas, baixas ou altas demais, magras ou obesas;
- pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, em cárcere privado;
- zona rural ou urbana.

Enfim, essas identidades estão a todo instante se cruzando.

E por falar em equilíbrio, creio que o patriarcado está imensamente saturado, devemos apostar no modelo matriarcal, apostar nas mulheres porque elas dão conta de um equilíbrio entre razão e emoção para de fato exercitar uma luta interseccionalizada.